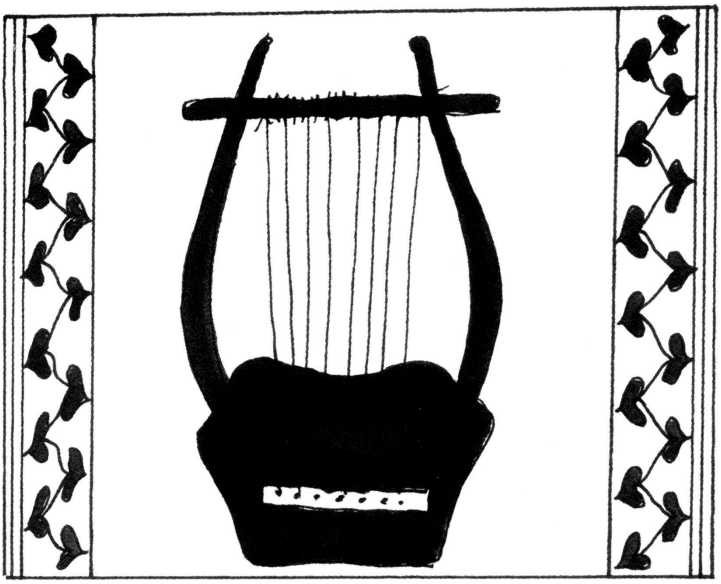
Frederico Lourenço

A Odisseia de Homero
Adaptada para Jovens

Desenhos originais de Richard de Luchi

QUETZAL

Livro I
Telémaco no rasto do pai



Uma visita inesperada

MIL E DUZENTOS ANOS antes do nascimento de Jesus Cristo, vivia na ilha grega de Ítaca um jovem príncipe chamado Telémaco. Seu pai tinha partido para a guerra quando ele era ainda bebé. Agora Telémaco era crescido, quase adulto — mas o pai ainda não tinha voltado. Já se sabia, em Ítaca, que a guerra acabara; todos sabiam que Troia, a cidade inimiga, havia sido conquistada e destruída. Dando embora o desconto para as dificuldades de navegação e para os perigos do mar, parecia estranho lá na ilha que Ulisses, o pai de Telémaco, não tivesse regressado a casa.

Tão estranho que se espalhou o boato de que Ulisses tinha morrido. Em Ítaca, toda a população passou gradualmente a aceitar essa realidade. O palácio em que Telémaco vivia com Penélope, sua mãe, encheu-se de pretendentes, que queriam à força que a rainha Penélope voltasse a casar. Mas ela resistiu sempre, embora sem a certeza de que Ulisses estivesse vivo. Só havia uma pessoa em Ítaca que acreditava, no seu íntimo, que Ulisses haveria ainda de voltar. Era Telémaco, seu filho, que sonhava dia e noite com o pai.

Na verdade, Ulisses não morrera. Muitas tinham sido as aventuras e peripécias que tivera de enfrentar após a partida de Troia. Mas, graças à sua extraordinária inteligência, conseguiu sempre sobreviver. O que a mulher e o filho não sabiam era que ele perdera a nau e todos os companheiros num naufrágio. Salvara-se a nado, sozinho, conseguindo chegar à ilha onde vivia uma deusa solitária, Calipso. Esta deusa afeiçoou-se de tal forma a Ulisses que não o quis deixar partir: queria que ele casasse com ela. Queria fazer dele um deus. Mas Ulisses, sempre a pensar na mulher e no filho, nunca aceitou.

Ora houve um dia em que os deuses, reunidos em concílio no Olimpo, a mais alta montanha da Grécia, decidiram resolver este impasse. Atena, a deusa da sabedoria, protetora de Ulisses, convenceu Zeus, o pai dos deuses. Este decidiu mandar o deus Hermes, seu mensageiro, para a ilha onde

Ulisses estava retido, para que ele comunicasse a Calipso que chegara a altura de deixar partir Ulisses.

Mas Atena lembrou-se ainda de outro mortal que lhe fazia pena: o jovem Telémaco. E calçou nos pés as belas sandálias, sandálias mágicas, douradas e imortais, que com as rajadas do vento a levavam sobre o mar e sobre a vastidão da terra. Pegou numa forte lança de bronze, pesada, imponente, enorme: era a lança com que Atena vencia fileiras inteiras de heróis na guerra. Pois além de deusa da sabedoria, era também uma deusa guerreira.

Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo e chegou logo a Ítaca, à porta do palácio de Ulisses, à entrada do pátio. Segurando na mão a lança de bronze, a deusa alterara a sua aparência, para que ninguém a conhecesse. Transformara-se num homem de meia-idade, com aspeto nobre e tranquilo.

Encontrou de imediato os pretendentes, que nesse momento se divertiam a jogar aos dados, sentados em peles de bois que, na sua arrogância, eles mesmos haviam matado. Escudeiros e criados misturavam em grandes taças água com vinho (pois os Gregos não bebiam o vinho puro). Outros criados lavavam as mesas com esponjas porosas; e outros ainda serviam carnes em grande abundância.

O primeiro que avistou o homem estranho (na verdade a deusa disfarçada) foi Telémaco, que estava sentado no meio dos pretendentes com tristeza no coração, imaginando no seu espírito o pai a chegar ali naquele momento para expulsar aqueles homens arrogantes. Se isso acontecesse (imaginava Telémaco), teria finalmente no seu próprio palácio

a honra que lhe era devida. É que os pretendentes faziam troça dele e tratavam-no como criança.

Estava então Telémaco sentado no meio dos pretendentes a pensar estas coisas quando avistou o homem desconhecido. Levantou-se logo e dirigiu-se a ele, pois achava vergonhoso que um hóspede ficasse parado à entrada sem ninguém lhe dar as boas-vindas. Aproximou-se do estranho e deu-lhe a mão, recebendo dele a lança de bronze. E foi com estas palavras, que faziam parte da tradicional boa educação na Grécia, que Telémaco o cumprimentou:

— Sê bem-vindo, ó estrangeiro! Serás estimado em nossa casa! E depois de teres comido, dir-me-ás no que poderei ajudar-te.

Falando assim, indicou o caminho; e a deusa disfarçada seguiu-o. Quando já se encontravam dentro da alta casa, Telémaco encostou contra uma coluna a lança do hóspede, colocando-a no bem polido guarda-lanças, aí onde estavam muitas outras lanças, até algumas que tinham pertencido a Ulisses. Levando o hóspede pela mão, Telémaco sentou-o num belo trono trabalhado e estendeu uma toalha de linho; sob os pés, pôs um pequeno banco. Para si próprio, colocou ali perto outro assento, longe dos pretendentes, não fosse o estrangeiro levado a recusar a refeição por causa do barulho. É que o comportamento dos pretendentes era ofensivo e alarve: falavam aos berros como se já fossem eles os donos do palácio.

Telémaco tencionava também interrogar o estrangeiro sobre o pai ausente. Só que, quando ia para lhe dirigir a palavra, teve de novo de se calar, pois uma serva acabava de

trazer um jarro com água para eles lavarem as mãos, um belo jarro de ouro; e verteu água numa bacia de prata. Junto deles colocou depois uma mesa polida. Em seguida veio a governanta trazer-lhes o pão, assim como iguarias abundantes de tudo quanto havia. O trinchador trouxe travessas com carnes variadas e colocou junto deles belas taças de ouro; um escudeiro veio depois servir-lhes o vinho.

Nesse momento, entraram os pretendentes, que tinham acabado o jogo de dados. Sentaram-se enfileirados em cadeiras e tronos. Logo os escudeiros, com medo de serem repreendidos, lhes verteram água para as mãos e junto deles as servas puseram os cestos de pão. Vieram depois rapazes encher as taças de bebida. E os pretendentes lançaram mão às iguarias que tinham à sua frente. Comeram e beberam.

Mas depois outra coisa lhes chamou a atenção. Vivia no palácio um poeta, Fémio, que os pretendentes obrigavam a cantar durante os seus banquetes. Um escudeiro foi pôr nas mãos de Fémio a lira dourada. Ele começou a dedilhar o instrumento e deu início ao canto. Os pretendentes ficaram maravilhados a ouvir.

Aproveitando o facto de os pretendentes estarem distraídos, Telémaco falou baixinho ao estrangeiro, aproximando a cabeça, para que os outros não ouvissem:

— Hóspede estimado, espero que não leves a mal o que eu vou dizer. Bem podem estes homens arrogantes divertir-se com o som da lira e com o canto, levianamente, pois devoram, de graça, o que pertence a outro: ao rei deste

palácio, cujos brancos ossos talvez apodreçam à chuva ou no mar, onde as ondas os revolvem. Mas uma coisa eu te digo: se estes o vissem regressar a Ítaca, todos rezariam para que fossem mais rápidos de pés do que mais ricos em ouro!

A deusa ficou em silêncio a ouvir as palavras de Telémaco. Notando o silêncio do hóspede, Telémaco teve receio de ter sido incorreto e logo lhe perguntou:

— Mas diz-me agora tu, caro hóspede: quem és? Donde vens? Fala-me dos teus pais e da tua cidade. Que nau te trouxe? Como te trouxeram os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles que eram? Pois não me parece que tenhas chegado a pé! E diz-me também se é esta a primeira vez que aqui vens ou se és amigo da casa paterna, visto que são muitos os que aqui se dirigem: muitos amigos teve o meu pai, muitos aqui vêm perguntar por ele.

A deusa contou-lhe então esta história:

— O meu nome é Mentes e sou rei dos Táfios, excelentes navegadores. Vim aqui ter com nau e companheiros, navegando o mar rumo a povos estrangeiros, em busca de bronze; levo ferro comigo para a troca. A minha nau está fundeada lá para o campo, longe da cidade. Declaro que tu e eu somos amigos de família, já de há muito, como poderás saber junto do teu avô Laertes. Ouvi dizer que ele já não vem à cidade, mas sofre, afastado no campo. Parece que só tem uma velha por serva. Segundo me disseram, é ela que lhe prepara a comida e a bebida, quando ele regressa, cansado, pela encosta da sua vinha. Seja como for, aqui cheguei.

Eu tinha ouvido dizer que o teu pai estava em Ítaca. Mas parece então que os deuses o impedem de regressar.

Atena reparou na expressão de tristeza que aparecera na cara de Telémaco e disse logo de seguida:

— Mas Ulisses não desapareceu da terra! Vive ainda, retido no vasto mar, numa ilha rodeada de ondas, onde homens cruéis, selvagens, o prendem contra a sua vontade.

A deusa viu um surto de esperança e de alegria nos olhos de Telémaco. Não era exatamente verdade o que ela lhe dissera sobre os «homens selvagens», mas o jovem ficaria preocupado se ouvisse dizer que havia uma deusa que queria fazer de seu pai um deus imortal...

— E agora dar-te-ei esta profecia — prosseguiu Atena — que julgo vir a realizar-se. Não será longo o tempo que Ulisses permanecerá longe da pátria amada. Como é de muitos engenhos, conseguirá regressar. Mas sabes uma coisa? Muito te assemelhas ao teu pai no desenho da cabeça e na beleza dos olhos. Pois eu e ele estivemos juntos muitas vezes, antes da sua partida para Troia, para onde foram outros, os melhores de todos os Gregos, nas suas naus. Mas desde essa altura que não vejo Ulisses, nem ele a mim.

Encantado com estas palavras e orgulhoso por ouvir alguém dizer que era parecido com o pai, Telémaco respondeu assim ao hóspede:

— Pois a ti, estrangeiro, direi tudo sem rodeios. Quem me dera ser filho de um homem feliz, a quem a velhice viesse encontrar no meio das suas posses! Mas é do mais infeliz dos homens que sou o filho.

A deusa disse-lhe então estas palavras algo misteriosas:

— Especial foi a linhagem que os deuses te concederam.

Telémaco olhou para o estrangeiro, surpreendido. O que queria ele dizer?

— Mas deixemos isso — rematou Atena. — Diz-me é que festim é este. Isto é uma reunião? Que tem ela a ver contigo? É festa ou é boda? Pelo que estou a ver, nenhum trouxe a sua própria comida! Com que arrogância me parecem eles comer em tua casa: qualquer homem se zangaria ao vê-los neste despropósito!

Telémaco, sempre prudente, deu-lhe esta resposta:

— Visto que me interrogas, estrangeiro, fica então sabendo que esta casa esteve no passado para ser rica e honrada, enquanto o meu pai permanecia entre o seu povo. Agora, os deuses decidiram de outro modo: eles que o tornaram invisível, o mais invisível dos homens. Não me sentiria tão triste pela sua morte se ele tivesse morrido com os camaradas de armas em Troia. Todos os Gregos lhe teriam feito um túmulo, e eu, como seu filho, ficaria com a glória de ter tido tal pai. Mas arrebataram-no os ventos das tempestades: partiu sem rasto nem notícia; e para mim deixou sofrimento e lamentações. E não é que me lamente apenas por sua causa: os deuses deram-me também outros males. Pois todos os príncipes que regem as ilhas aqui ao pé e todos os nobres aqui em Ítaca, todos esses fazem a corte à minha mãe e devastam-me a casa. Rapidamente me levarão à ruína.

Zangada lhe disse então a deusa:

— Não há dúvida de que tens necessidade do ausente Ulisses; ele que daria cabo destes pretendentes desavergonhados! Quem me dera que neste momento ele aqui viesse e se colocasse junto do portão, com capacete, escudo e duas lanças, tal como quando da primeira vez que o vi! Rápida seria a morte destes presunçosos! Amargo seria o seu casamento! Mas tais coisas são os deuses que as decidem.

Telémaco fez que sim com a cabeça, dando razão às palavras do estrangeiro. A deusa prosseguiu, dizendo:

— Telémaco, agora presta atenção e ouve as minhas palavras. Convoca amanhã a assembleia dos homens de Ítaca e faz um discurso dirigido a todos. Ordena aos pretendentes que saiam de tua casa. Quanto à tua mãe, se ela quiser casar-se, que volte então para casa do seu pai: lá lhe farão a boda, lhe trarão oferendas em abundância, tudo o que deverá acompanhar uma filha bem-amada. A ti darei bons conselhos, se me ouvires com atenção. Aparelha com vinte remadores a melhor nau que tiveres, e parte em busca de notícias do teu pai. Talvez te fale alguém que encontres no caminho; talvez ouças algum oráculo de Zeus, que muitas vezes traz notícias aos homens.

Telémaco sentiu um misto de terror e de alegria ao ouvir estas palavras. Viajar! Ele que nunca saíra de Ítaca, que apenas conhecia a sua ilha!

— Mas para onde irei? — perguntou. — Nunca saí da minha terra...

— Primeiro vai a Pilos para interrogares o rei Nestor; e daí para Esparta, para junto do rei Menelau. Dos Gregos foi

ele o último a regressar de Troia. Se ouvires alguma coisa acerca da sobrevivência e do regresso do teu pai, volta para casa e aguenta mais um ano. Mas se ouvires dizer que partiu, morreu... nesse caso constrói um túmulo em sua honra. Pois não deves entregar-te a atitudes infantis; já a tua idade tal coisa não permite. Vejo como és alto e belo! Portanto sê corajoso, para que homens ainda por nascer falem bem de ti.

Telémaco queria ainda perguntar muitas coisas ao estrangeiro, mas ele levantou a mão e disse:

— Tenho agora de regressar para a minha nau, para junto dos meus companheiros, que estão em cuidado à minha espera. Pensa nisto que te disse: medita bem sobre as minhas palavras.

Telémaco respondeu:

— É com amizade, estrangeiro, que me tens estado a falar, como pai para filho. Das tuas palavras nunca me esquecerei. Mas peço-te que fiques mais um pouco, embora desejes pôr-te a caminho. Depois de teres tomado banho, gostaria de te oferecer um presente para levares para a tua nau: um presente belo e valioso, que será para ti um tesouro oferecido por mim. Uma dádiva de amigo para amigo.

Mas o estrangeiro levantou-se e disse:

— Não me atrases mais, pois preciso de seguir o meu caminho. E seja qual for o presente que me queres dar, oferece-mo quando eu regressar, para o poder levar para casa. E escolhe um belo presente: dele receberás recompensa condigna.

Foi então que aconteceu uma coisa espantosa, de que Telémaco nunca mais se esqueceria. O estrangeiro de repente

transformou-se em coruja e voou em direção ao alto e desapareceu. Inexplicavelmente, Telémaco sentiu no coração mais força e coragem. Sentia que estava a pensar com mais intensidade no pai, mais ainda do que antes. Percebeu naquele momento que o estrangeiro que o visitara era um dos deuses do Olimpo. E logo se dirigiu para junto dos pretendentes, um homem. Definitivamente, já não uma criança.

Ora o poeta Fémio estava ainda a cantar para os pretendentes e eles estavam sentados a ouvir. Cantava a história do triste regresso dos Gregos, do regresso da guerra de Troia. Era um canto de maravilhosa beleza e lá nos seus altos aposentos, no andar mais elevado do palácio, Penélope ouviu o que o poeta estava a cantar. E logo desceu as escadas (mas não vinha sozinha, pois isso seria malvisto: duas criadas seguiam com ela). Quando a rainha entrou na sala onde estavam os pretendentes, ficou junto a uma coluna, segurando um véu à frente do rosto. De cada lado se colocara uma criada fiel.

As lágrimas corriam dos olhos de Penélope, que disse assim ao poeta:

— Fémio, conheces muitos outros temas que encantam os homens, façanhas de homens e deuses. Canta agora uma dessas histórias, enquanto estás aí sentado; e que os pretendentes em silêncio bebam o seu vinho. Mas para já esse canto tão triste, que me despedaça o coração no peito. Pois vem-me sempre à memória a saudade daquele rosto, a saudade do meu marido...

Mas Telémaco, pela primeira vez na sua vida, criticou a mãe. E disse-lhe, fazendo voz de homem:

— Minha mãe, por que razão levas a mal que o poeta nos deleite de acordo com a sua inspiração? Os poetas não têm culpa! É Zeus que estabeleceu para os homens o destino que entendeu. Não é justo levarmos a mal que ele cante a desgraça dos Gregos. Olha que não foi Ulisses o único que não regressou de Troia. Também lá morreram muitos outros. O melhor é voltares para os teus aposentos. Lá, com as tuas criadas, entretém-te com os teus lavores, com o tear e a roca. Pois falar é aos homens que compete, a mim sobretudo: sou eu quem manda nesta casa!

Penélope, espantada, regressou para a sua sala e revolveu no espírito as palavras do filho. Percebeu que, de um momento para o outro, ele deixara de ser uma criança. Lá em cima, nos seus aposentos, chorou Ulisses, o marido amado, até que a deusa Atena teve pena dela e a adormeceu com um sono suave.

Por seu lado, cá em baixo na grande sala do palácio, os pretendentes levantaram um grande alarido. E a todos veio de novo o desejo de se casarem com Penélope.

Mas Telémaco decidiu que não ia admitir tais gritos em sua casa e, pela primeira vez, levantou a voz no meio de todos aqueles homens:

— Pretendentes de minha mãe, homens de força e violência! Por agora continuemos o banquete. Mas sem gritos e barulho! Pois é bom ouvirmos um poeta como este, cuja voz na verdade à dos deuses se assemelha. Porém, fiquem já a saber que decidi convocar uma assembleia para amanhã. Lá declararei publicamente o que tenho a dizer-vos.

Assim falou; e todos morderam os beiços e olharam admirados para Telémaco, pela audácia com que tinha falado. Uma assembleia! Nunca houvera tal coisa em Ítaca desde que Ulisses partira. Respondeu-lhe então o mais arrogante e mais detestável dos pretendentes, um jovem fidalgo chamado Antínoo. Era ele quem dava as ordens aos outros todos e era de espírito egoísta e cruel.

— Telémaco! — disse Antínoo, com voz maldosa. — Na verdade são os próprios deuses que te ensinam a seres um orador atrevido e a falares com descaramento. Só rezo que Zeus nunca te faça rei em Ítaca, apesar de isso te ser devido pela linhagem do teu pai!

Telémaco procurou conciliar os ânimos. Respondeu a Antínoo com prudência, dizendo:

— Antínoo, levaste a mal aquilo que eu disse? Não quero ser rei. Há outros fidalgos em Ítaca, novos e velhos: um destes poderá reger a ilha, se Ulisses de facto morreu. Mas em minha casa serei eu o soberano!

Outro pretendente, chamado Eurímaco, que fazia sempre coro com Antínoo, mas era ainda mais cínico e dissimulado, disse então ao jovem:

— Telémaco, tais coisas são os deuses que as decidem. Só eles sabem quem será rei em Ítaca. Os teus bens poderás guardá-los; serás senhor em tua casa. Escusa de aqui vir alguém para te tirar os teus bens. Enquanto Ítaca for terra habitada, haverá quem te defenda.

Telémaco sabia que ele estava a mentir, portanto não lhe deu resposta. Mas tão manhoso era este Eurímaco que

não lhe passara despercebido que Telémaco recebera uma visita. E perguntou-lhe:

— Eu gostaria agora, meu caro Telémaco, de te interrogar sobre o estrangeiro que te veio visitar. Donde veio? Será que te avisou da chegada do teu pai, ou terá vindo por motivos de seu próprio interesse? Como desapareceu sem mais nem menos! De um momento para o outro deixámos de o ver. Não se quis dar a conhecer? Porquê? De condição vil, porém, não pareceu.

Telémaco não quis dizer a verdade à frente de Eurímaco, pelo que respondeu, disfarçando o melhor que pôde:

— Eurímaco, na verdade parece que o meu pai morreu. Este estrangeiro era amigo do meu pai: seu nome é Mentes e é soberano dos Táfios, excelentes navegadores.

Assim falou Telémaco, para não deixar que nada transparecesse. Mas no coração reconhecera a deusa imortal.

Os pretendentes desistiram de o interrogar e voltaram-se para os prazeres da dança e da música. Permaneceram lá em casa até começar a anoitecer. E ainda se banqueteavam quando chegou a noite. Depois, querendo descansar, partiu cada um para sua casa.

Telémaco também se foi deitar. Subiu para o quarto, que ficava por cima do pátio, donde tinha uma bela vista sobre a ilha até ao mar. Enquanto para lá se dirigia, ia refletindo sobre muitas coisas. Acompanhou-o, de tochas ardentes na mão, a fiel Euricleia, que de todas as servas era quem mais o amava, pois amamentara-o quando era ainda menino.

Telémaco abriu as portas do seu quarto. Sentou-se na cama, despiu a túnica macia e pô-la depois nas mãos da

velha ama. E ela, alisando a túnica, pendurou-a num prego perto da cama. Depois saiu do quarto, fechando a porta atrás dela: porta que tinha uma tranca prateada, que deslizava graças a uma fivela de cabedal.

Telémaco deitou-se e puxou as peles de ovelha que serviam de cobertores. E durante toda a noite refletiu sobre as instruções que lhe dera a deusa Atena.